

Texto comentado de Tom Capri a respeito do que Marx realmente disse sobre o dinheiro

Na verdade, Marx foi também o primeiro a desvendar todos os mistérios do dinheiro. As primeiras abordagens dele a respeito aparecem nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, um dos textos mais importantes do jovem Marx (data de 1844 – Marx viveu entre 1818 e 1883).

Esse trabalho é daqueles dele ainda carregados de um hegelianismo (Hegel) que ele veio a superar depois, e do qual se libertou definitivamente só alguns anos mais tarde. Por isso, é um texto que mantém a análise apenas no que “aparece” (aparência) do fenômeno do dinheiro, sem ir à sua verdadeira essência. Apesar disso, o texto é bastante rico e preciso nos achados que faz sobre o dinheiro.

Só depois, já maduro, Marx veio a descobrir as verdadeiras propriedades adquiridas pelo dinheiro e no que ele efetivamente se transformou, no modo capitalista de produção. Enfim, só anos mais tarde Marx entendeu a real a essência do dinheiro, que é a de ser materialização e encarnação de mais-valia expropriada, ou seja, de o dinheiro ter-se transformado ao mesmo tempo em capital e meio de consumo, como ele muito bem expôs em sua obra posterior, *O Capital*.

Veja o que Marx diz nos *Manuscritos*... a respeito dessa transformação por que passou o dinheiro no modo de produção capitalista e que vai marcar o homem invertido, o não-homem, o *vir obscurus* de nossos dias (dei nova redação à tradução de José Carlos Bruni, para, primeiro, descontextualizar e, por fim, tornar a leitura mais fácil):

“Eu, o possuidor de dinheiro, deixo de ser tudo o que sou e passo a ser tudo o que não sou graças ao dinheiro e ao que ele pode comprar. O dinheiro passou a ser para mim tudo aquilo que posso pagar, que posso adquirir. Minha força passou a ser a força que tem o meu dinheiro. Minha força torna-se tão grande quanto a força que tem o dinheiro que possuo.

Mais: de posse de dinheiro, o que eu sou e posso ser não são mais determinados pelos traços de minha personalidade e de minha individualidade. Apesar de ser feio, com dinheiro posso comprar a mais bela mulher. E aí deixo de ser feio, pois o efeito da feiúra – a sua força afugentadora – é aniquilado pelo dinheiro.

Os traços de minha individualidade garantem que sou inválido e não posso andar. Mas o dinheiro proporciona-me vinte pés, com os quais posso andar tranqüilamente, logo, não sou mais inválido.

Dizem de minha individualidade que sou um homem mau, sem honra, sem caráter e sem espírito. Acontece que o dinheiro é honrado e, portanto, é honrado também o seu possuidor. Como tenho dinheiro, também sou honrado, já que posso com ele comprar a honradez, o caráter, o espírito. Com o dinheiro, deixo de ser mau, sem honra, sem caráter, sem espírito.

Se o dinheiro é o bem supremo, aquele que o possui, só porque o possui, passa a ser também um homem de bem, um homem bom.

Sou estúpido. Mas se o dinheiro passou a ser o espírito verdadeiro de todas as coisas, e tenho dinheiro, como poderia eu, seu possuidor, ser estúpido? O dinheiro me despoja de toda a estupidez e faz de mim um homem lúcido, já que, de posse dele, posso comprar a lucidez e me livrar da estupidez.

O dinheiro poupa-me, portanto, de ser desonesto. Na medida em que me permite comprar a honestidade, ele faz de mim um homem verdadeiramente honesto.

Como possuidor de dinheiro, por mais estúpido que eu seja, posso comprar as pessoas inteligentes e fazê-las trabalhar para mim. Ora, quem tem poder sobre os inteligentes não é mais inteligente que o mais inteligente? Assim, por mais estúpido que eu seja, com dinheiro posso comprar a inteligência e ser o mais inteligente dos inteligentes.

De posse do dinheiro, o homem pode tudo que seu coração aspira. Se pode tudo, pode permitir ao homem possuir também todas as capacidades e virtudes possíveis no próprio homem. O dinheiro compra a coragem, a honradez etc.

Se é assim, não é o dinheiro capaz de transformar tudo aquilo que não sou e quero ser – todas as minhas incapacidades – exatamente no seu contrário? Sim, é. Pois se é tudo isso, o dinheiro é capaz de inverter tudo, neste mundo. É capaz de transformar o mundo humano num mundo invertido.

Como o dinheiro compra tudo, inclusive o que não somos e queremos ser, ele é então o grande responsável por todas essas inversões que aí estão: o honrado em desonrado, o honesto em desonesto etc. O dinheiro é assim o maior responsável pelo mundo invertido e pelo homem invertido que aí está.

Se o dinheiro passou a ser o laço que me liga à vida humana, o laço que me liga à natureza e aos outros homens, não passou a ser o dinheiro o laço de todos os laços? Sim. Ora, se tornou-se o laço de todos os laços, não pode o dinheiro também atar e desatar todos os laços? Se é o laço de todos os laços, o laço que une tudo, não é ele também a força que tudo pode separar, tudo pode dividir, tudo pode desunir, como acontece hoje entre os homens? Sim, é. O dinheiro é a força química da sociedade.

Toda essa inversão e confusão das qualidades humanas e naturais no homem, provocadas pelo dinheiro – todo esse poder de irmanação das impossibilidades, enfim, toda essa força divina – compõem a essência do dinheiro.

Aí está a essência genérica do dinheiro, porque é também a essência alienante e auto-alienante do homem, já que inverte todas as suas qualidades e defeitos, o que o estupidificou. O dinheiro é toda essa capacidade alienada que ganhou a humanidade. O dinheiro é, portanto, o grande responsável pela alienação.

O que não posso como homem, o que não podem minhas forças individuais, passo a poder, se tenho dinheiro para tanto. O dinheiro converte assim todas as forças essenciais humanas naquilo que elas não são, isto é, em seu contrário. O dinheiro inverte o ser humano, ou seja, transforma-o naquilo que ele não é, retirando dele tudo aquilo que ele é e não deseja ser.

Ao atuar assim, o dinheiro torna-se obstáculo para que o homem cresça, evolua e supere suas incapacidades e impossibilidades, já que quem tem dinheiro tudo pode, inclusive ser o que não é: o pobre de espírito transforma-se em espirituoso, o desonrado em honrado, o desonesto em honesto, o estúpido em lúcido etc. O dinheiro torna assim desnecessário despender energia no enorme esforço que nos é exigido quando corremos atrás da evolução e da superação de nossas limitações, já que nos proporciona tudo isso, tornando-se um caminho mais fácil. Esse é o poder do dinheiro.

Shakespeare destaca especialmente duas propriedades do dinheiro. Para ele, o dinheiro é:

1ª – a fantástica divindade que se pode ver e apalpar, é a transformação de todas as propriedades humanas e naturais em seu contrário, é a confusão e a inversão de todas as coisas, é o irmanador das impossibilidades.

2ª – o dinheiro é a puta do mundo, o cafetão do ser humano e dos povos.

Se desejo uma refeição e não tenho nada em casa ou se preciso ir ao Correio, e em ambas as situações não estou em condições de ir até lá para obter o que quero, o dinheiro me proporciona a refeição, traz o Correio até mim. Isto é, o dinheiro transforma minhas necessidades e desejos – meras representações pensadas – em dados concretos, em realizações.

O dinheiro faz com que minhas vontades e desejos – dados que têm existência apenas pensada, representada, desejada – tornem-se coisas sensíveis, efetivas, concretas, reais, enfim, coisas realizadas. O dinheiro, ao se colocar como esse meio que realiza as vontades e desejos, permite-nos dispensar nossa capacidade e nosso potencial de aprimoramento e evolução, tornando-se a verdadeira força criadora do homem.

O dinheiro dispensa assim o enorme esforço e a luta que normalmente temos de travar quando, sem dispor de dinheiro, precisamos atender às nossas necessidades, vontades e desejos.

Se desejo ter uma cadeira, isto ainda é um desejo presente em minha imaginação, portanto, um dado não efetivo. Se adquiro a cadeira, esse desejo se realiza e se materializa no objeto cadeira, que se torna real em minha vida. O dinheiro permite esse milagre.

É verdade que as vontades e desejos existem também entre aqueles que não têm dinheiro. Mas, neles, elas existem igualmente dessa forma, como dados da imaginação. E, como tal, não exercem sobre os outros nenhum efeito, não têm nenhuma existência concreta, uma vez que continuam sendo, para os não possuidores de dinheiro, algo não efetivo, sem concreticidade, portanto, algo que ainda se encontra somente na imaginação e não se materializou como objeto.

Há uma diferença básica entre, de um lado, o desejo daquele que pode realizá-lo porque tem dinheiro, e de outro lado, o desejo daquele que não tem dinheiro, mas quer muito e precisa realizá-lo. É a diferença entre o objeto que tem uma existência concreta e real e o que tem uma existência meramente pensada. É a diferença entre a coisa existir de fato ou ser meramente imaginada. É a diferença entre a pura representação que existe em minha mente e a representação tal como ela passou a ser para mim assim que se tornou objeto concreto, real, efetivo e fora de mim.

No mundo do dinheiro, se não tenho dinheiro algum para viajar, é como se eu não tivesse nenhuma necessidade de viajar, pois só posso viajar se tiver dinheiro. Da mesma forma, se não tenho dinheiro, mas carrego uma enorme vocação para estudar e desejo muito estudar, é como se não possuísse nem essa vocação nem esse desejo. Eles não têm nenhuma existência concreta.

O poder do dinheiro chega a esse ponto. Minhas vontades, capacidades e vocações, inclusive meus defeitos e tudo o que tenho de ruim dentro de mim, não são nada e não contam, se eu não tiver dinheiro. Mas podem ser facilmente realizados, se possuir dinheiro.

Ora, o dinheiro, este que temos hoje e que passa de mão em mão, não derivou de uma necessidade do homem verdadeiro, do homem com “H” maiúsculo, mas sim do homem que aí está, desse homem contemporâneo invertido, alienado e deformado que é produto da exploração e expropriação de trabalho alheio, esta que faz com que dinheiro faça mais dinheiro.

Então, o dinheiro que temos hoje, ao contrário daquele que a humanidade tinha no passado e que servia apenas para facilitar as trocas, tornou-se o meio geral, o poder geral capaz de transformar a representação mental em coisa real e efetiva e também de transformar a coisa real e efetiva em pura representação mental, uma vez que, sem dinheiro, ficamos só na vontade e não podemos adquirir a maioria das coisas.

O dinheiro chega ao ponto de transformar as nossas imperfeições em dolorosos fardos, em verdadeiros castigos, já que só podemos nos livrar de nossas imperfeições, e superá-las, se tivermos dinheiro. O dinheiro também transforma as nossas imperfeições – esses dolorosos fardos, verdadeiros castigos –, e que inicialmente só existem dentro de nós como coisa pensada, em forças que só podem se concretizar na realidade se possuímos dinheiro.

O dinheiro é, assim, a inversão geral das individualidades, inversão esta que transforma os indivíduos em seu contrário e que adiciona, às propriedades dos indivíduos, propriedades opostas e contraditórias.

Com tal poder de inverter o homem, o dinheiro atua, portanto, contra o indivíduo e contra os laços sociais etc., que se dizem essenciais. E como o dinheiro atua dessa maneira? Assim: transformando a fidelidade em infidelidade, o amor em ódio, a virtude em vício, o vício em virtude, o patrão em empregado, o empregado em patrão, a estupidez em entendimento, o entendimento em estupidez. O dinheiro, tal como é concebido hoje, é a fonte da alienação.

Como o dinheiro troca e confunde todas as coisas, ele não passa, portanto, da confusão geral, da troca geral de todas as coisas, isto é, da materialização de um mundo invertido, este que temos hoje; da encarnação da confusão e troca de todas as qualidades humanas e naturais.

Mesmo que seja covarde, passa a ser valente aquele que pode comprar a valentia. O dinheiro permite assim que possamos trocar qualquer propriedade nossa por qualquer outra propriedade a ela contrária, como a covardia pela valentia. Ao obrigar aquilo que se contradiz a beijar-se, o dinheiro transforma-se então no grande irmanador de impossibilidades.

Todas as relações entre os homens, e entre os homens e a natureza, devem exteriorizar de forma bem determinada a vida individual efetiva interior de cada um, devem corresponder às vontades e aos desejos de cada indivíduo.

Se eu amo mas não desperto amor, isto é, se meu amor não produz amor recíproco, é porque meu amor é impotente, é uma desgraça. Só podemos trocar amor por amor, confiança por confiança. Aquele que deseja gozar da arte precisa ser sensível à arte. Aquele que deseja exercer influência sobre o outro deve ser alguém que saiba atuar sobre os homens de modo realmente estimulante e incitante.

Se o dinheiro permite que eu compre amor, confiança, sabedoria... se o dinheiro permite que meu amor impotente produza amor recíproco, ele passa a ser o causador e alimentador de todas essas desgraças. O dinheiro, na função que exerce hoje, é por isso o causador de nossas desgraças. Em suma, o dinheiro é a fonte de nossas tragédias, a raiz do desespero existencial em que o homem está metido.

Aí está o fetiche que fazemos do dinheiro. Imaginamos que ele seja esse deus todo-poderoso que tudo compra, e que até torna os feios belos e os covardes corajosos – o que de fato ele é, mas só na aparência. Na essência, não passa da materialização, encarnação e cristalização da usurpação de trabalho não pago, ou seja, de mais-valia expropriada, isto sim a grande fonte originária de todos os nossos problemas, das novas doenças e da realidade invertida que aí está, na qual vivemos e padecemos. O dinheiro, na verdade, é hoje apenas a forma material que assume a mais-valia, que é trabalho não pago usurpado para dar lucro àqueles que se apropriaram de força de trabalho sem remunerá-la, força que move o mundo atual.